

O DAR DAS PEDRAS BRILHANTES: HERMES DE PAULA COMO MATÉRIA DA ESCRITA DE GUIMARÃES ROSA

THE GIVING OF BRILLIANT STONES: HERMES DE PAULA AS WRITING THEME OF GUIMARÃES ROSA

Ivana Ferrante Rabello*

Resumo

Este estudo é parte de um trabalho de maior fôlego que se preocupa com o processo de criação literária de Guimarães Rosa. A leitura de manuscritos provenientes do arquivo do autor, que se encontra no IEB/USP, iluminou caminhos de leitura que apontaram o escritor montes-clarense Hermes de Paula como parte do material genético que deu vida e substância a pelo menos duas obras de Rosa: **Tutaméia e Estas Estórias**.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Crítica Genética; Hermes de Paula.

O Arquivo João Guimarães Rosa, que se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) na Universidade de São Paulo (USP), fornece-nos uma biografia intelectual riquíssima, de onde emergem correspondências as mais variadas; depoimentos, iconografias, entrevistas, cadernos e cadernetas de registros, além de documentos de natureza privada. Essa matéria de arquivo afigura-se como um esboço íntimo de escritura e desvela o que o texto definitivo, por ser outra a sua natureza, não consegue transmitir: o fulgor da imaginação, os recuos da escrita, as rasuras. Um dos papéis da Crítica Genética é o de revelar o lado inconcluso e incompleto da criação, possibilitando uma abordagem do texto literário anterior à sua publicação e ensinando-nos uma lição valiosa, a de que, pelo olhar da rasura e do rascunho, a obra não se coloca mais como objeto pronto, intocável e sagrado, está ainda sujeita a mudanças e se abre a outras possibilidades de interpretação.

* Professora de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Pesquisadora da Fapemig, doutoranda na PUC Minas, onde conclui estudos na área da Crítica Genética e Textual sobre Guimarães Rosa.

À cata de pistas que pudessem esclarecer o processo de criação de Guimarães Rosa, tomo para análise a Caderneta nº 20, na verdade um caderno do tipo escolar, sem capa e sem data. Escrita, até nas margens, em caligrafia caprichada, de tinta azul, constando ainda algumas anotações a lápis e, em número menor, alguns trechos em caneta vermelha, apresenta todas as páginas numeradas. Na página 18, a letra de Guimarães Rosa escreve, no centro da margem superior da página, “Hermes de Paula”; abaixo, entre aspas e sublinhado, **Montes Claros, Sua História, sua gente e seus costumes**. E a data e o local, postos ao lado: “Rio, 1957.” O livro chega às mãos de Guimarães Rosa no mesmo ano da sua publicação e um ano depois do lançamento de **Grande sertão: veredas**. A descoberta dos escritos do montes-clarenses Hermes de Paula nas anotações de Rosa representaria, desde então, um alargamento de fronteiras e a abertura de um novo veio de pesquisa e análise que colocava Montes Claros na cena dos registros documentais do autor e um dos pontos de partida para o seu mundo inventado.

A cidade de Montes Claros já figurava na ficção rosiana e seria mencionada em **Grande sertão: veredas**, constituindo-se parte do sonho acalentado por Zé Bebelo, que pretendia abolir o jaguncismo e se fazer deputado, instalando aí outra ordem: “então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas” (ROSA, 2001, p. 147). Em **Corpo de Baile**, na novela “Dão-lalalão (O Devente)”, encontramos outra referência a Montes Claros, e desta vez a cidade nomeia a terra em que vivia Sucena, ou Doralda, antes de Soropita fazê-la sua mulher, sempre lembrada como a cidade de “pasto bom e mulher”. Também em “Buriti”, a sétima novela de **Corpo de Baile**, encontra-se mais uma referência à cidade, terra onde iá-Dijina exercia ofício de meretriz. Não se registra, na ficção de Guimarães Rosa, outra aparição do topônimo Montes Claros. As obras que referenciam a cidade, é importante fixar, foram publicadas no ano de 1956. O rastro deixado, que contém cópias do livro de Hermes de Paula, não indicaria, portanto, os caminhos do processo de criação de **Grande sertão: veredas** e de **Corpo de Baile**, publicadas em 1956 e em que a cidade de Montes Claros é mencionada. Mas a importância desses registros só me seria revelada mais tarde, depois de uma leitura atenta da Caderneta nº 20.

O Arquivo João Guimarães Rosa é testemunho do ânimo investigativo e programático do autor, comprovado pelo impressionante número de documentos escritos que lhe serviram de alicerce e testemunho de criação, somados a instantes

de um *insight* fecundo, que o autor registra, a lápis ou a caneta, tendo o cuidado de identificá-los com o conhecido sinal “m%”, inconfundível marca de sua propriedade.

A busca do manuscrito, que direciona o olhar do crítico para os traços e resíduos que o escritor deixa no tempo de elaboração da sua criação, não apaga a escritura, ilumina-a. O manuscrito é testemunho de todas as etapas do trabalho do escritor, dele emana a fonte documental para o aprimoramento das edições comentadas e críticas.

O encontro do nome de Hermes de Paula no Arquivo João Guimarães Rosa apresentou-se a mim como uma dádiva de pedras brilhantes, cujo sentido seria estabelecido aos poucos. A não ser nos domínios da cidade de Montes Claros, Hermes de Paula configura-se como um nome desconhecido. Nasceu em 1909, um ano após o nascimento do próprio Rosa, com quem tinha, curiosamente, alguns traços da sua vida assemelhados¹. Formou-se médico, no Rio de Janeiro, e chegou a trabalhar no Instituto Vital Brasil, onde permaneceu pouco tempo, retornando a Montes Claros, onde se fixou definitivamente. Incentivador do folclore e da cultura regionais, escreveu dois livros, que lhe conferiram o título de historiador: **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes e A medicina dos Médicos e a Outra**.

No Caderno nº 20, que também se encontra no microfilme M68- JGR, contam-se onze páginas manuscritas com trechos copiados do livro de Hermes de Paula, a caneta azul, intercalando esses trechos com algumas palavras e frases com a marca “m%”. Tais registros começam com cópia de fragmento introdutório de **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes**, que fala do Arraial de Nossa Senhora da Conceição e São José das Formigas, primeiro nome da cidade de Montes Claros, onde se lê 1857, quando a Vila das Formigas transforma-se em cidade. São duas páginas de cópia, referindo-se a este momento histórico da cidade². À página 20, faz referência ao 2º vigário da Freguesia de Formiga, o padre Antônio Gonçalves Chaves, e à fundação da Santa Casa de Caridade por Dr. Carlos José Versiani. Na página 21 do caderno, Guimarães Rosa menciona um crime

¹ A data de nascimento de Hermes de Paula é imprecisa. Oficialmente consta que nasceu a seis de dezembro de 1910, mas segundo seus parentes a data correta seria 1909.

² A edição comparativa utilizada para este estudo corresponde à 2ª edição da obra, ampliada e revisada por seu autor. A 1ª edição consistia de um único volume, desmembrado, depois, em três volumes por Hermes de Paula. Essa parte introdutória, que trata da fundação da cidade de Montes Claros, não sofre alteração, trazendo texto exatamente igual ao pesquisado por Guimarães Rosa, em 1957. Estas anotações iniciais foram retiradas da página IX (9) do livro **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes**. Trata-se de um longo trecho de apresentação da obra, escrito por Newton Prates.

ocorrido no grotão³. Na página 22, entre aspas, Rosa ressalta a “febre nas margens paludosas do rio Verde”. Tal trecho foi retirado da página 7 do livro **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes**, na subdivisão “Os Currais do Rio Verde”, cujo trecho está aqui transcrito: “Fugindo sempre dos ‘miasmas febris das sezões’, Figueira se afastou das margens paludosas do rio verde. Preferiu fazer a sede de sua fazenda no ameno vale do rio Vieira, afluente daquele.” Tratava-se da fundação da cidade de Montes Claros.

Adiante, defronte à data 1808, há o registro de uma violenta epidemia de varíola na região; tal trecho foi retirado da página 13 do livro do montes-clarense, da parte denominada “A Varíola Decide”.

Nas linhas seguintes, fala dos “oficiais de selaria e chapéus de couro” e da inauguração do chafariz público, tal como se encontra no livro de Hermes de Paula, nas páginas 34, 35, 36, 37 e 38, no subcapítulo “Um Sonho de Oitenta e Dois Anos”. À página 23 anota, diante da data, 1834, entre aspas, “o ano da fumaça”, referindo-se ao trecho do livro de Paula: “Também o ano de 1834 (o ano da fumaça) não foi dos melhores” (PAULA, 1979, p. 56). Tal passagem segue aquela em que Hermes de Paula cita Saint-Hilaire, que descrevera a seca de 1814, causadora de fome e miséria na região. Adiante, vê-se a anotação de Guimarães Rosa: “Seca e fome de 1890”, em que se leem cinco linhas de cópia do livro de Hermes de Paula, com as referências à seca, no município de Salinas. Entre parênteses, Rosa anota: “Hermes de Paula, ‘Montes Claros’”:

Em 1889, não choveu uma gota. O ano de 90 amanheceu sob maus signos. (...) Uma multidão esfaimada vinda do norte de Minas, Bahia e outros Estados, devorando tudo que encontrasse: plantas. O tormento da fome continuada reduziu os homens a feras... E se formou no município de Salinas, entre a gente faminta, um bando de antropófagos que, alucinados com a presa fácil, espalharam o terror e o pânico (PAULA, 1979, p. 57).

Referiam-se estes últimos apontamentos ao capítulo “Geografia Histórica”, do livro do montes-clarense, da subdivisão “Clima”, que descreve as características gerais do clima da região norte mineira, detendo-se em algumas passagens em que a forte estiagem deixa rastros na história do lugar.

³ A menção refere-se, provavelmente, ao crime descrito no livro de Hermes de Paula, retirado do capítulo “Principais Fatos Históricos”, na subdivisão “A Caçada Humana”, no qual Zé Dias é enforcado: “Zé Dias tomou altura, estrebuchou por alguns segundos... e ficou inerte, ao sabor dos ventos, à guisa de pêndulo, olhos esbugalhados, face violácea” (PAULA, 1979. p.4-5).

A seguir, o autor anota, entre aspas, “A malária tornou inabitáveis, por séculos, as margens do rio Verde”, referindo-se à passagem, inclusa na parte titulada “Nosologia”, p. 61, do livro **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes**: “Malária, a doença que maior número de vidas tem ceifado, que tornou inabitáveis por séculos as margens paludosas do rio Verde”. Segue-se, então, uma curiosa e sugestiva lista (PAULA, 1979), que transcrevo em parte, que deve ter se afigurado à curiosidade de Rosa como matéria rara à construção de seu sertão-mundo:

Caçote = espécie de rã⁴

Curimatá branca e curimatá azulêga⁵; intãs:⁶ (itas);

Grozar (sic) palhas de milho = com caramujos

Caramujos = “em enfeites de rosas”

Rodoleiro = carrapato-de-boi⁷

Arrepiada = raça de galinha.

Tais anotações, retiradas do livro **Montes Claros, Sua História, Sua Gente e Seus Costumes**, seguem da folha 23 até a folha 24 da Caderneta nº 20, anotações em letra miúda e caprichada, de um lado e outro das folhas. Hermes de Paula, nessas passagens, procede a um criterioso levantamento da flora e da fauna da região, elaborando listas de espécimes que soariam bem familiares aos habitantes da região norte-mineira, mas que, nas mãos de Guimarães Rosa, constituíam-se daquela pedrinha preciosa, que o autor faria brilhar, como nome novo, na sua escrita. É possível observar como um item dessa lista copiada ressurgiu reinventado pelo autor de **Grande Sertão: veredas**. No livro de Paula, na parte referente a “Moluscos”, lê-se: “um caramujo ou simplesmente búzio, que serve de enfeite de mesa e também para ‘grozar’ (sic.) palhas de milho destinadas a ciganos.” (PAULA, 1979, p.74). As anotações de Rosa apontam os caminhos da sua criação. Anota, em tópicos: “grozar palhas de milho = com caramujos” e, abaixo, “caramujos” = ‘em

⁴ “(...) e outro tipo conhecido com o nome popular de caçote, um bom petisco par as cobras e uma ótima isca para pescarias” (PAULA, 1979, p. 73).

⁵ “A Curimatá (*prochilodus artii*) povoa nossos rios, mesmo os de pequeno volume d’água, apresentando 2 variedades: branca e azulêga” (PAULA, 1979, p. 74).

⁶ “Também é no rio dos bois que se encontra em maior abundância uma concha bivalente conhecida por intã, que serve de matéria-prima para botões de ‘madrepérola’, de excelente qualidade” (PAULA, 1979, p. 75).

⁷ “(...) ainda nos aracnóides, encontramos os acarianos: carrapatos, o carrapatinho, o carrapato-de-boi ou rodoleiro” (PAULA, 1979, p. 75).

enfeites e rosas'; esta última expressão é fagulha de seu processo criativo, pertence à infinita e fecunda lista das invenções de Guimarães Rosa.

Também se veem, na caderneta, compilações curiosas como: nomes curiosos de rosas ("amor de moça pobre, safadinha"); espécies de laranja (laranja da terra, laranja cacau); tipos de madeiras, seguidas da sua utilidade ("pau-preto: rodas de carro; cedro: gamelas; angico: dormentes; pau-terra: postes para cerca de arame; palmas-do-capeta: cacto, cercas vivas e intransponíveis."), referentes a listas das páginas 77 e 78, organizadas por Paula. Rosa ainda registra tipos de capins: "Capins nativos = capim-de-raiz, capim-de-espeto, grama-de-nó, barba-de-bode, pé-de-galinha, amor-de-padre, rabo-de-raposa, etc." Uma linha abaixo, Rosa anota: "embaúba = carvão para pólvora" e "abóbora-de-porco". E, no finalzinho da página 24, mais lampejos da sua criação: "m% = O que serve, da amplidão, é seu resumo.", arrematando, no final da folha: "m% = minha amplidãozinha".

Na folha 25 do seu caderno, Rosa anota curiosidades que constam do livro do autor montes-clarense acerca dos invernistas ou "engordadores" de gado, retiradas da página 91 do livro, que trata dos bovinos. Após o registro e um traço na folha, inicia-se outra compilação curiosa, transcrita aqui também parcialmente, pois a lista vai até o final da folha 25 da Caderneta nº 20: "Cores de cavalos: Alazão = vermelho dourado escuro, brilhante/ Ruço = de pêlos brancos/ Lobuno, libuno, camurção = cor de lobo/ Queimado= pêlos pretos e brancos/ Tordilho= queimado escuro, etc."⁸

Na folha 26 da Caderneta, Rosa escreve a lápis "a alferes Félix (Felão), 1908", retirado da página 110 da obra de Paula. Tal registro ligar-se-á a antigos escritos de Rosa. Em **Magma**, no poema "Batuque", encontra-se a menção ao nome do temível alferes: "_ Corre, gente qui envém sordado!.../ Some, gente, qui envém Felão!". O personagem também será mencionado em **Grande sertão: veredas**. Segundo o tio de Rosa, Vicente Guimarães, o nome Felão esteve presente na infância do sobrinho, bem como as estórias que corriam de boca em boca acerca dos desmandos e da truculência deste militar⁹.

Os registros a seguir encontram-se no volume 2 da obra **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes**, na parte denominada "Genealogia", que procede a uma laboriosa investigação acerca das famílias fundadoras da cidade de Montes Claros. Das 57 famílias registradas, Rosa escreve apenas: "os Prates vieram

⁸ PAULA, 1979, p.92.

⁹ Tratava-se, segundo o tio, de "valentão raivável, machão de farruscada aterrorizável, desmedroso de tudo, mestiçado espiritual com jagunço, usava métodos na repressão aos desordeiros." (GUIMARÃES, 1972, p. 79-83).

da Holanda nos fins do s. XVIII” e “Lafetá = libanês”, em linhas separadas. Na página 86 desse segundo tomo da obra de Paula, encontramos a referência esclarecedora: “Esse Cosmo de Lafetá era filho de João Fernandes Lafetá, abastado mercador libanês, a cujos feitores e criados, em 28 de outubro de 1520, D. Manoel I concedia os mesmos privilégios de que gozavam os alemães” (PAULA, 1979, p. 86). E em relação aos Prates: “Três irmãos Prates vieram da Holanda nos fins do século XVII.” (PAULA, 1979, p. 140). A nota esclarecedora confirma o que a voz do jagunço Riobaldo confessara na ficção rosiana, e em que, conforme se sabe, Guimarães Rosa deixou marcas inconfundíveis da sua grafia autoral: “Toda a vida gostei demais de estrangeiro.” (ROSA, 2001, p.131). No final da página, um sinal de sua fecunda inspiração: “m%: João Suiço, chacareiro”: “m%: escravos considerados como milagrosos” e “m%: lam enforcar um ladrão de cavalos”.

Um cotejo entre as anotações feitas por Guimarães Rosa e o que se registra no livro de Hermes de Paula demonstra parentesco entre as estórias compiladas pelo autor montes-clarense e os traços da criação rosiana. Hermes de Paula narra a história de um escravo, de nome Joaquim Nagô, enforcado injustamente. Conforme se conta, o negro tornou-se santo; quando invocado, ajuda os injustiçados, conforme se lê na página 185 da obra **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes**.

Na página 27, Rosa faz várias anotações acerca da cavalhada, festejo comum na região de Montes Claros, até o início do século XX. A cavalhada representava uma guerra entre mouros e cristãos, remetendo, portanto, às raízes medievais da tradição portuguesa que em muitos locais do sertão se conservaram. Os registros de Paula a respeito da cavalhada, (PAULA, 1979, p. 159-166), demonstram apuro e cuidado na compilação dos dados. O lexema “alcancilhos” (PAULA, 1979, p.164), específico da cavalhada, permite a criação do vocábulo “alcancilhar” por Guimarães Rosa, que surge em sua caderneta, seguido do sinal de sua propriedade: m%¹⁰.

Separa por um traço essa parte da outra, onde copia fragmentos da animação da quadrilha francesa: “balancê! Tour! Eu avant! Travessé!”, conforme se vê na obra do médico montes-clarense, nas páginas 136, 137 e 138, em pormenores. Abaixo dos registros de quadrilha, encontramos a frase, entre aspas, “O pouco, com Deus, já é

¹⁰ “Alcancilhos: Em cada ângulo da praça se coloca uma balisa e sobre elas uma cabeça humana de massa, representando um soldado, dois mouros e dois cristãos” (PAULA, 1979, p.164). A forma verbal, “alcancilhar”, não consta do livro de Hermes de Paula, tampouco se verifica o seu registro em dicionário de língua portuguesa, donde se conclui que é parte das conhecidas criações lexicográficas de Guimarães Rosa.

muito”, seguida do conhecido sinal “m%”: uma corruptela de provérbio popular conhecido, “O pouco com Deus é muito”, e registrado por Hermes de Paula em seu livro, na parte denominada “Legendas de pára-choques de caminhão” (vol. 3, p. 76), ao qual Guimarães Rosa dá roupagem diferenciada, introduzindo o advérbio “já”. São sinais que identificam ao pesquisador alguns métodos de criação rosiana. O que parece procedente afirmar é que as suas leituras, as de livro e as de mundo, pareciam já pautadas por um livro em gestação, como anunciam as marcações feitas às margens de seus registros. Uns viriam a se transformar em fragmentos de contos, ou serviriam de inspiração a histórias posteriores, como podemos vislumbrar nesse estudo. Outros parecem ter sido desprezados ou esquecidos pelo autor, ou pode ser que lhe tenha faltado tempo para escrever os livros sonhados, visto que o escritor morreu precocemente, aos 59 anos. É o que parece ter acontecido com o título de uma história que jamais chegou ao leitor de Guimarães Rosa, mas que assim se encontra, tal como transcrevo, em letras garrafais, e grifadas, na folha 27 da caderneta: “DE TODO JEITO O AMOR É TRISTE (Título)”, precedido pelo sinal “m%”, que me parece curiosamente aparentado ao conhecido aforismo rosiano que se encontra nas páginas de **Grande sertão: veredas**: “O amor, já de si, é algum arrependimento.” (ROSA, 2001, p. 57). O que Rosa denomina título estaria escrito no livro de Hermes de Paula, na página 76, da 2ª edição, sob o título “Legendas de pára-choques de caminhão”. O exemplo retirado da Caderneta nº 20, indicando um título de um texto que não chegou a ser escrito, expressa as forças de deslocamento e de criação que perpassam os atos de coleta e colagem realizados pelo autor, servindo ainda de verdadeira lição ao estudioso da sua obra. Na página 27, surge uma evidência de que o processo de pesquisa ocorria simultâneo à feitura de **Tutaméia**, publicado em 1969. À margem esquerda, a lápis, e dentro de um quadro que desenha, Rosa anota, entre aspas, “Esses Lopes?”¹¹.

À página 28 da Caderneta nº 20, verifica-se o registro de alguns trava- línguas, descritos no livro de Paula na página 57, seguidos dos significados de palavras e expressões que deveriam parecer pitorescas a Guimarães Rosa, tais como: “encalhe= entupimento”; “feijão bago-bago = feijão inteiro com torresmo”; “trazer debaixo da ordem = trazer à força”. Na folha 29, na última referência à obra do

¹¹ Lopes é o nome de uma família tradicional de Montes Claros. Referências a essa família, no livro de Hermes de Paula, encontram-se à página 88, do Volume 2, na parte correspondente à Genealogia das famílias montes-clarenses. Viria desses registros a inspiração para a conhecida novela “Esses Lopes”, de **Tutaméia**? O nome, cujo significado é lobo, associa-se aos personagens rosianos, ferozes e valentões.

montes-clarense, transcreve o verso “Ó sensari, ó sensara! Maria não morre sem casá! (cantiga de brinquedo)”, como se encontra à página 30 do livro de Paula. Encerra-se a documentação do livro de Hermes de Paula com uma grossa linha vermelha. Começam, então, as anotações retiradas do **Diário Secreto** de Humberto de Campos.

Procurando uma centelha de luz, encontrei “o esmerado sucinto, de esquisita invenção, sangue de lembranças___ dádiva e dom_: as pedrinhas sementinhas estrelas.” (ROSA, 2001, p. 334), tal como se registra no conto que dá nome a esse estudo. Somente a um nascido em Montes Claros, ou conhecedor da sua literatura, o nome de Hermes de Paula nos manuscritos de Guimarães Rosa soaria como dádiva e dom. O cotejo entre as anotações da Caderneta nº 20 e a obra ficcional de Guimarães Rosa, notadamente a produzida após 1957, data em que leu **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes**, permitem a conclusão de que muito do que escreveu o montes-clarense serviu de matéria e substrato para a escrita inventiva de Rosa, tal como se vê no exemplo abaixo, colocado em parêntese, para possibilitar uma leitura comparativa. Primeiramente, o trecho encontrado no livro de Hermes de Paula:

Folia de Reis. Velha tradição arraigada ainda, principalmente na zona rural. Os foliões são homens simples, que têm devoção com os Santos Reis. Todos os anos saem com a folia angariando esmolas e visitando os presépios.

(...)

Não tocam nas ruas ou em caminhos; andam silenciosamente. À porta da casa, a ser visitada, rompem o toque de uma vez, surpreendendo o morador; à noite, sempre à noite, de dia dormem. O grupo é composto de 4 a 8 pessoas. Uma rebeca, violas e bateria. (PAULA, 1979, p. 179-180).

E o trecho retirado do conto “De Stella et adventu magorum”, de **Estas Estórias**, de Guimarães Rosa, cuja semelhança com o trecho do livro do montes-clarense é evidente:

A Folia de Reis. Bando exótico de homens, que sempre se apresentavam engraçadamente sérios e excessivamente magros, tinham o imprevisto decoro dos pedintes das estradas, a impressionante hombridade esmolar. Alguns traziam instrumentos: rabecas, sanfonas, caixa-de-bater, violas (ROSA, 2001, p. 102).

Na leitura atenta das listas e expressões compiladas do livro de Hermes de Paula, vê-se mais que indícios da conhecida curiosidade do criador de Diadorim, da

qual se alimentou para criar o seu mundo múltiplo. Nessas cópias do alheio desenham-se rastros do leitor arguto e sem preconceitos, característica de Guimarães Rosa, que colocou lado a lado, nas suas estórias, as vozes do cânone e do autor anônimo. Compagnon (2007), em **O Trabalho da Citação**, ao entender a escrita como exercício de intertextualidade, postula sobre a citação:

Quando cito, extraio, mutilo, desenraizo. (...) O fragmento colhido converte-se ele mesmo em texto, não mais fragmento de texto, membro de frase ou de discurso, mas trecho escolhido, membro amputado; ainda não o enxerto, mas o órgão amputado e posto em reserva. Porque a minha leitura não é monótona nem unificadora; ela faz explodir o texto, desmonta-o, dispersa-o. (COMPAGNON, 2007, p. 13).

Na leitura e nos recortes de Guimarães Rosa, o livro de Hermes de Paula é matéria intertextual, texto escolhido, mutilado e desmontado, para renascer em outro. No cotejo dos manuscritos rosianos com o livro de Hermes de Paula encontram-se felizes acasos como a “superstição” que o autor montes-clarense registra em sua obra: “Nos rodamos de vento há um capetinha girando” (PAULA, 1979, p. 66), que nos leva diretamente à conhecida epígrafe de **Grande sertão: veredas** – “O diabo na rua, no meio do redemoinho.”. Se a questão posta pelas datas (de publicação do romance rosiano, ocorrida em 1956, e da publicação do livro de Hermes de Paula, em 1957) não me autoriza a supor que teria Rosa também se valido desse registro para compor a sua tão polêmica epígrafe, ao menos resta comprovado que se trata de um dito colhido das matrizes populares mineiras. Assim também podem ser tecidas conclusões semelhantes a respeito dos muitos provérbios e adivinhas que Guimarães Rosa reformula, reajustando-os à sua poética míope, notadamente nas obras publicadas após 1957, como é o caso de **Tutaméia e Primeiras Estórias**.

Conforme este estudo demonstrou, Hermes de Paula registra em seu livro 48 diferentes tipos de adivinhações, nenhuma delas explicitamente presente na obra rosiana, mas certamente teriam servido de base à escrita do prefácio “Aletria e hermenêutica”, de **Tutaméia**, como se comprova no excerto: “como nessa ‘adivinha’, que propunha uma menina do sertão. – ‘O que é, o que é: que é melhor que Deus, pior que o diabo, que a gente morta come, e se a gente viva comer, morre?’ Resposta: -‘É nada’.” (ROSA, 2001, p. 33).

Na obra de Paula, na parte titulada como “Adivinhações”, observa-se que o registro das “adivinhas” dá-se de forma similar, como se vê no exemplo: “O que é, o que é: no alto está, no alto mora. Dá um grito e vai-se embora? R.- mamona.” (PAULA, 1979, p. 61). Possivelmente teria ocorrido o mesmo com o uso de vários provérbios, recorrentes na obra rosiana, que, se lida com cuidado, poderá levar à conclusão de que se trata de fenômeno mais evidente e frequente nas obras escritas após a leitura do livro de Paula, isto é, após 1957. Hermes de Paula registra 310 provérbios, entre as páginas 66 e 76 do seu livro, muitos dos quais poderiam ter servido de base para curiosas invenções como a que se lê em **Tutaméia**: “O pior cego é o que quer ver”, corruptela do conhecido: “O pior cego é o que não quer ver”, também encontrado nas compilações de Hermes de Paula. Ou ainda nessa adivinhação conhecida, “Caixinha mágica de bom parecer, telhado de vidro, quem mora nela? Resposta: ovo.”, transformada em metáfora, nas páginas de **Tutaméia**: “Sem parar – e todo ovo é uma caixinha?”, (ROSA, 2001, p. 44).

Em **Primeiras Estórias**, no conto “Darandina”, essa reinvenção de provérbios emoldura a estória, tal como se lê, logo ao início do conto: “De manhã, todos os gatos nítidos nas pelagens” (ROSA, 1988, p.123), uma evidente distorção do conhecido dito “De noite, todos os gatos são pardos”, do domínio da cultura popular. Assim também se lê no mesmo conto: “o feio está ficando coisa...” (ROSA, 1988, p.129), reinvenção de “a coisa está ficando feia...” e “cão que ladra, não é mudo...” (ROSA, 1988, p. 129), recriado a partir do provérbio “cão que ladra não morde.” São mais que meras coincidências, traços de que não havia sido por acaso a cópia de vários trechos do livro de Hemes de Paula.

O médico, escritor e historiador montes-clarense adquire, a partir da leitura da Caderneta nº 20, um estatuto diferenciado que o tiraria da lista de leitor e admirador do escritor Guimarães Rosa, sendo alçado à categoria de fonte de pesquisa e uma das matrizes da sua criação ficcional. **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes** figura como gênese, constituindo-se matéria da poética desconcertante que emerge dos escritos rosianos. Dessa lavra rica tomo de empréstimo, ainda uma vez, a sabedoria que emana da escritura de Guimarães Rosa: “O presente; a imperfeita simultaneidade. O diamante, que não encontrado ainda, pertencia a todos.” (ROSA, 2001, p. 318).

Abstract

This study is part of a larger work that cares about the process of literary creating of Guimarães Rosa. The reading of manuscripts from the author's file, which is located in IEB/USP, lit read paths that pointed the writer montes-clarenses Hermes de Paula as part of the genetic material that gave life and substance for at least two Rosa's works: **Tutaméia** and **Estas Estórias**.

Keywords: Guimarães Rosa; Genetic Criticism; Hermes de Paula.

REFERÊNCIAS:

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

GUIMARÃES, Vicente. **Joãozito: infância de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, p. 79-83.

PAULA, Hermes de. **Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes**. Vol. 1, 2, 3. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora, 1979.

ROSA, João Guimarães. **Noites do Sertão: (Corpo de Baile)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.27-115; p. 117-316.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Estas Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.